

Mudando vidas invisibilizadas: percepções de participantes sobre os impactos de um projeto de inclusão e letramento digital

Alessandra Rodrigues¹
alessandrarodrigues@unifei.edu.br

Ana Carolina Sales Oliveira²
anacarolinasales@unifei.edu.br

Ivan Venâncio de Oliveira Nunes³
ivan_nunes2004@yahoo.com.br

Jéssica Dessihé Canuto Flora da Silva⁴
jessicadessihe@gmail.com

1 Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

2 Doutora em Ciências da Linguagem. Professora Adjunta da UNIFEI

3 Bacharela em Ciência e Tecnologia e Bacharela em Engenharia Civil, UFRSA

4 Mestre em Ciências do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Graduado em Biologia. Licenciando em Ciências Biológicas pela UNIFEI)

RESUMO

Considerando a cultura digital em que estamos hoje inseridos e a necessidade de usos críticos e criativos das tecnologias nos mais diversos contextos sociais, nas relações de trabalho, nas escolas etc., este estudo analisa as percepções de sujeitos acerca dos impactos de sua participação em um projeto de extensão universitária cujo objetivo é promover a inclusão digital e social e desenvolver letramentos digitais de sujeitos com nível fundamental e médio de escolaridade. Os dados foram coletados ao longo de 2018 por meio de registros escritos dos participantes. Os depoimentos indicam que os sujeitos passaram a ter melhores condições de acesso à informação e à cultura, além de ampliarem os usos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no cotidiano e iniciarem um processo de empoderamento.

Palavras-chave: Letramentos Digitais. Inclusão Digital. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Extensão Universitária.

ABSTRACT

Considering the digital culture in which we are inserted today and the need for critical and creative uses of technologies in the most diverse social contexts, in work relationships, in schools etc., this study analyzes the perceptions of subjects about the impacts of their participation in a university extension project whose objective is to promote digital and social inclusion and develop digital literacies of subjects with primary and high school level. The data were collected during the fortnightly meetings of the project held throughout 2018 through written records of the participants. The testimonies indicate that the subjects started to have better conditions of access to information and culture, in addition to expanding the uses of Digital Information and Communication Technologies (DICT) to other contexts in which they are daily inserted and to start an empowerment process.

Keywords: Digital Literacies. Digital Inclusion. Digital Information and Communication Technologies. University Extension.

1 Introdução

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), em especial as Tecnologias Digitais Móveis Sem Fio (TDMSF), estão presentes nas mais variadas situações de nossa vida cotidiana e cada vez mais vêm alterando as formas pelas quais nos comunicamos, estabelecemos relações profissionais, realizamos ações comerciais, estudamos etc. (ALMEIDA; SILVA, 2011). Entretanto, nem sempre fazemos uso crítico dessas tecnologias ou as aproveitamos para desenvolvermos e praticarmos nossa cidadania de forma crítica e ativa.

No caso de sujeitos com nível mais baixo de escolaridade, a utilização das TDIC e das TDMSF pode ser ainda menos refletida em decorrência tanto de um processo de naturalização/banalização da presença ubíqua das tecnologias no cotidiano, quanto da falta de reflexão e criticidade. Nessa direção, o projeto de extensão universitária intitulado “Letramentos Digitais no *Campus*” (LEDICamp⁵) é desenvolvido desde 2018 em na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) buscando

[...] unir e integrar a formação inicial de professores para uso pedagógico das TDIC à formação para cidadania e à inclusão digital e social decorrente do letramento digital de sujeitos já inseridos no mercado de trabalho, mas com baixo nível de escolaridade e, em função disso, com menores oportunidades de melhoria em aspectos profissionais, sociais e educativos (RODRIGUES, 2017, p. 2).

Este estudo tem como lócus de investigação o contexto desse projeto, que se estrutura a partir de encontros de formação quinzenais e cujo público-alvo são funcionários da empresa terceirizada que presta serviços de limpeza na universidade. O percurso metodológico de coleta de dados para este artigo se deu ao longo dos encontros por meio dos registros escritos dos participantes e pela aplicação de questionário ao final do ano.

O objetivo deste estudo é analisar as percepções dos sujeitos acerca dos impactos de sua participação no projeto LEDICamp ao longo do primeiro ano de sua implementação.

5 Mais informações sobre o projeto podem ser acessadas em: <https://ledicamp.wixsite.com/website>

2 Metodologia

2.1 Aspectos teórico-metodológicos

De acordo com Kleiman (1995, p. 19), o letramento, em sua forma tradicional, é “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”, mas também é, conforme Soares (2002, p. 144), “[...] o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”. Em ambas as acepções, a ideia de letramento – fortemente associada aos usos sociais da língua – está sujeita a alterações provocadas pelas mudanças nas formas de produção e recepção de informações provocadas tanto pelos contextos socioculturais quanto pelas tecnologias e mídias.

Para Buzato (2006), há uma confusão entre os conceitos de letramento e alfabetização. De acordo com o autor, isso acontece por haver “[...] uma fonte de mal-entendidos como um problema de enfoque sobre o que significa aprender, ensinar e utilizar a escrita socialmente” (BUZATO, 2006, p. 16). Ainda de acordo com os pensamentos do autor, a diferenciação da alfabetização e do letramento está justamente na noção de prática social, uma vez que a alfabetização é vista como “[...] um processo em que se ensinam/aprendem as habilidades básicas que permitem às pessoas codificar e decodificar a escrita, relacionando-a, inicialmente, com a língua oral, mas aprendendo, aos poucos, a separar uma coisa da outra” (BUZATO, 2006, p. 16). Em pesquisas realizadas na área da linguística por Kleiman (1995) e na área da educação por Soares (1998), o sujeito alfabetizado é o que adquiriu a tecnologia de escrita, conseguindo decodificar os sinais gráficos do seu idioma, porém ainda não se apropriou completamente das habilidades de leitura e de escrita, tendo dificuldade para ler e para escrever. Assim, podemos dizer que o sujeito ser alfabetizado é um passo para ser letrado.

Para Buzato (2006, p. 16):

[...] O letramento, ou mais precisamente, os letramentos são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos socioculturais.

Ainda de acordo com o autor, “[...] um letramento é uma forma de agir, afirmar-se, construir e sustentar uma visão de mundo partilhada por um grupo e, portanto, carrega traços identitários e significados compartilhados por esse grupo” (BUZATO, 2006, p. 16).

Tendo em mente essas conceituações e diferenciações aplicadas também às novas mídias e linguagens advindas e possíveis por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, os letramentos digitais dizem respeito às “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; ROCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Buscando desenvolver tais habilidades em sujeitos com baixo nível de escolaridade, o projeto de extensão LEDICamp realiza encontros de formação que buscam promover a reflexão, a apropriação e o uso mais crítico e criativo das TDIC.

Em 2018, o projeto realizou 22 encontros presenciais com 15 participantes, cujo perfil etário é de 30 a 55 anos e o nível de escolaridade médio é o Ensino Fundamental II concluído. Os participantes são trabalhadores(as) que fazem a limpeza do câmpus de uma universidade pública brasileira e compõem um grupo comumente invisibilizado nos ambientes acadêmicos e mesmo em outros contextos sociais, como aponta Gonçalves Filho (2004). Trata-se de um grupo de pessoas que fazem uso das TDIC e das TDMSF em situações de entretenimento, comunicação informal, relações interpessoais; mas que não costumam utilizar essas tecnologias como ferramentas cognitivas (JONASSEN, 2007) ou mesmo como instrumentos de prática de cidadania.

Os encontros realizados durante o projeto têm sua dinâmica orientada por atividades práticas (realizadas em smartphones, notebooks ou em tablets) denominadas como “Mão na Massa”. Essas atividades buscam simular situações de uso real/social das tecnologias, problematizando-as. A Figura 1 apresenta imagens de alguns encontros:

Figura 1: Encontros do projeto

Fonte: Imagens originais dos autores.

Os temas trabalhados no projeto em 2018 foram previamente solicitados pelos próprios alunos no início do ano letivo, por meio de um questionário. As temáticas trabalhadas foram: mecanismos de busca, edição de imagem, sites de compras, introdução ao uso do *notebook*, *e-mail*, *fake news*, *e-mail* no celular e *QR-code*. Cabe dizer que muitos temas são básicos e demonstram o baixo nível de domínio dos recursos tecnológicos pelos participantes.

Os dados analisados neste estudo foram coletados, com a permissão dos participantes, durante algumas das atividades “Mão na Massa” e por meio de questionário digital aplicado no encerramento anual do projeto. O questionário foi elaborado com questões fechadas e uma questão aberta para sugestões e comentários sobre o projeto.

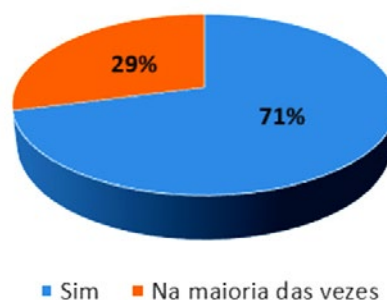
3 Resultados e discussão

Neste tópico, apresentaremos inicialmente os resultados gerais oriundos do questionário e, em seguida, discutiremos dados mais específicos que trazem as percepções individuais dos participantes sobre o projeto. Relativamente ao aprendizado, aproveitamento e à aplicabilidade dos conteúdos ensinados, 100% dos sujeitos afirmaram que as aulas foram proveitosas, que aprenderam coisas novas e que puderam aplicar esses conhecimentos em situações cotidianas. Esse percentual corrobora o nível de satisfação com o curso: 86% disseram que o curso foi “muito bom” e 14% “bom”.

Os participantes também foram questionados quanto ao interesse pelos assuntos tratados no projeto e a busca por mais informações após as aulas. O resultado está demonstrado a seguir no Gráfico 1.

Gráfico 1: Interesse dos participantes por aprimorar conhecimentos

Interesse pelo assunto e busca por mais informações








Fonte: Dados originais dos autores.

A busca por mais informações sobre os conteúdos abordados nos encontros do projeto pode indicar a adesão dos participantes aos usos sociais das tecnologias como recursos de aprendizagem. Além disso, como são sujeitos com pouco acesso a espaços formais de educação, as buscas foram feitas por meio da internet e/ou de contatos com outras pessoas – o que também indica um movimento de apropriação tecnológica (ainda que inicial) e um caminho em direção aos letramentos digitais, já que esses letramentos exigem “[...] usar eficientemente essas tecnologias para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações [...]” (DUDENEY; ROCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Especificamente sobre os conteúdos abordados nas aulas, os participantes afirmaram ter “gostado muito” (71%) ou “gostado” (29%). Atribuimos esses resultados à preocupação dos pesquisadores em trabalhar com conteúdos de interesse do grupo e com recursos cujos usos sociais fizessem parte das rotinas dos participantes. Nenhum dos conteúdos ministrados foi mal aceito pelos participantes, mas 14% deles avaliaram ter gostado pouco do conteúdo *QR-code*. Apesar de o *QR-code* se enquadrar nas características gerais de interesse dos participantes, foi um conteúdo bastante inovador para o grupo – o que causou dificuldades extras (além das já enfrentadas pelos sujeitos em função da baixa escolaridade e/ou do nível elementar de domínio das tecnologias) que podem ter interferido na percepção sobre o conteúdo. Mesmo que já tivessem ouvido falar e/ou se deparado com um código desse tipo no seu dia a dia, muitos dos participantes não sabiam o que eram os *QR-codes*, para que serviam e como funcionavam. Outro dificultador em relação a esse conteúdo pode ter sido a proposta de criação, pelos participantes, de um *QR-code* como uma das atividades “Mão na Massa”. Apesar das dificuldades, os códigos foram criados pelos sujeitos com percepções sobre o conteúdo e os depoimentos acabam por salientar os pontos positivos em relação ao conteúdo, como mostra o Quadro 1:

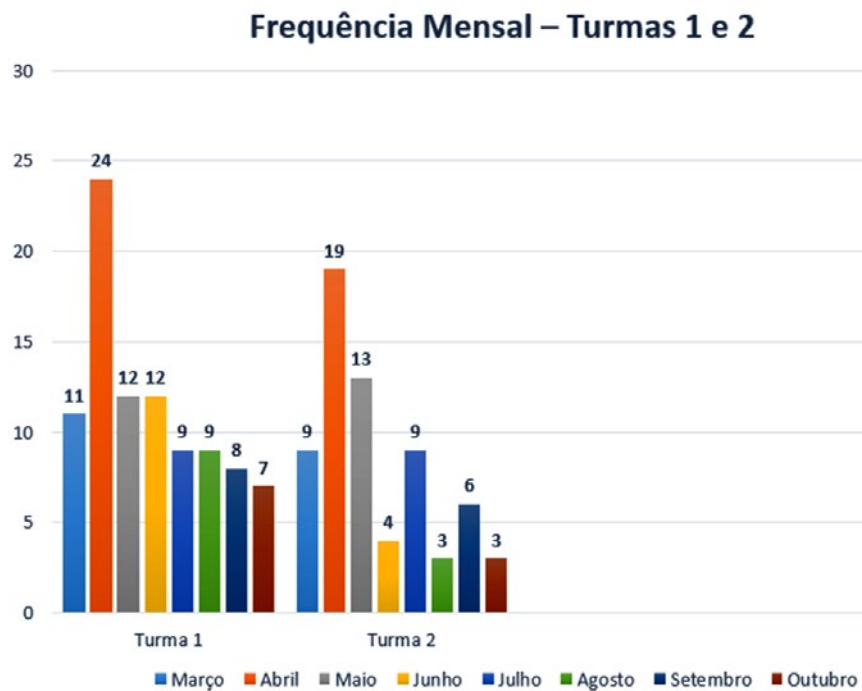
Quadro 1: QR Codes produzidos pelos participantes

	Gostei muito de aprender <i>QR code</i> , minha filha também gostou da ideia e vai instalar. (Alzira) ⁶
	Eu adorei ter aprendido porque eu via esses quadrados no mural e não sabia para o que servia essa finalidade. (Lucia)
	Oi boa tarde essa aula de <i>Qr code</i> pra mim tá sendo supervaliosa tô adorando ok. (Fernando)
	Gostei muito da última aula pois eu não fazia ideia do que significava esses quadrinhoos... kkkk Hoje quando passo com uma amiga e vejo um QR CODE, pergunto a ela se ela sabe o que significa e com a aula que tive com vocês posso explicar o que aprendi! (Marcia)
	Eu gostei muito da aula. Eu achei interessante pois eu já tinha ouvido falar, mas não conhecia. Aula mto boa. (Selma)

Fonte: Autores (dados de pesquisa).

Ao longo do ano, nosso maior desafio foi manter a frequência dos alunos nas aulas. Como podemos observar no gráfico 2, a presença foi caindo gradativamente na turma 1 e também caiu na turma 2, mas com aumentos esporádicos de presença em alguns meses.

⁶ Os nomes dos participantes da pesquisa foram alterados para manter o sigilo das identidades, conforme as normas éticas de pesquisa.

Gráfico 2: Frequência dos participantes das turmas 1 e 2

Fonte: Dados originais dos autores.

Acreditamos que essa queda esteja diretamente relacionada ao cansaço dos participantes do projeto, funcionários terceirizados que atuam nos serviços de limpeza do câmpus universitário, na sua maioria do sexo feminino, que chegam para trabalhar entre 5 e 6 horas da manhã e, provavelmente, ao chegarem em casa, têm ainda uma rotina de trabalhos domésticos a cumprir. Portanto, mesmo que os encontros fossem quinzenais e de uma hora apenas, o cansaço físico do trabalho diário pode ter levado os alunos a desistirem do curso. Além disso, trata-se de um público que já não frequenta a escola há anos e não tem hábitos de estudo – o que contribui para facilitar o processo de evasão. Algumas medidas foram tomadas para tentar minimizar a desistência, como a oferta de lanche no início das aulas e a entrega de certificados não somente no fim do curso, mas também no encerramento do primeiro semestre.

Fica patente nos depoimentos dos participantes a gratidão por terem feito parte do projeto, como mostram os excertos a seguir (retirados de registros escritos feitos pelos participantes):

“[...]E também agradeço a todos vocês pela paciência em nos ensinar. Foi muito bom esse tempo que passamos juntos. MEU MUITO OBRIGADA”. (Fernanda)

“Gostaria de agradecer muito pelo curso. Foi de grande aproveitamento todas as aulas. Gostei de tudo. Pena que foi poucas aulas e o tempo curto. Valeu pra toda equipe e muito obrigado e desculpe de alguma coisa”. (Selma)

“estou amando o curso, os instrutores são uns amores tá sendo valioso obrigado por tudo deus abençoe vcs”. (Fernando)

“Gostei muito de fazer este curso e agradeço aos professores por essa ideia maravilhosa. espero que no ano que vem tem mais. obrigado a todos. deus abençoe a todos”. (Maria)

Ainda que tenham tido dificuldades em relação aos conteúdos e à permanência no projeto, os depoimentos representam a gratidão e a vontade de continuarem aprendendo. Essa gratidão pode parecer, de certa forma, exagerada pelo que foi oferecido aos participantes no LEDICamp (22 encontros de uma hora ao longo do ano), mas pode estar associada à percepção dos sujeitos de que, pelo lugar social que ocupam, lhes foi dada uma oportunidade, um presente, e não que eles têm direito a aprendizagens que levem ao uso mais consciente das TDIC. Tal percepção relaciona-se diretamente com as desigualdades de nosso país, que privam os mais pobres não apenas de bens de consumo, mas também de bens culturais, educacionais e

Referências

- ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. G. M. Currículo, tecnologia e cultura digital: Espaços e tempos de Web Currículo. **Revista e-Curriculum**, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>>. Acesso em: 24 jan. 2020.
- BUZATO, M. E. K. Letramentos digitais e formação de professores. In: II CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE, 2006. São Paulo. **Anais Eletrônicos...** 2006, p. 1-14. Disponível em: <https://www.academia.edu/1540437/Letramentos_Digitais_e_Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- COSTA, F. A. **Projeto LIDIA**: Conceito. 2015a. Disponível em: <<http://aprendercomtecnologias.ie.ulisboa.pt/sobre/conceito/>>. Acesso em: 26 dez. 2019.
- COSTA, F. A. **Projeto LIDIA**: Estratégias. 2015b. Disponível em: <<http://aprendercomtecnologias.ie.ulisboa.pt/sobre/estrategia/>>. Acesso em: 26 dez. 2019.
- GONÇALVES FILHO, J. M. A invisibilidade pública. In: COSTA, F. B. da. **Homens invisíveis** – relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- JONASSEN, D. **Computadores, ferramentas cognitivas**: desenvolver o pensamento crítico nas escolas. Porto: Editora Porto, 2007.
- KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: A., KLEIMAN (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- RODRIGUES, A. **LEDICamp**: Letramentos Digitais no campus. Projeto de Extensão Universitária. 2017, (mimeo.).
- SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da modernidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p.143-160, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 24 jan. 2020.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.